

# NICOLAS BEHR UMA VIAGEM PELA CIDADE DE BRASÍLIA: EXTENSÕES DO SUJEITO E DA POESIA

Gilda Maria Queiroz  
Furiati\*

**RESUMO:** O texto analisa os formatos usados por Nicolas Behr na produção de seus poemas, que teve início na poesia marginal dos anos 70, até a atualidade. Ao passar do mimeógrafo para o offset, e da máquina de escrever Remington para o editor de texto, a linguagem poética e o sujeito se transformam através de uma viagem por diferentes letras e corpos e pelo suporte físico da cidade de Brasília.

**Palavras-chave:** Nicolas Behr, poesia marginal, teoria das materialidades

**ABSTRACT:** the text analyses the patterns used by Nicolas Behr in the production of his poems that began with the Marginal Poetry in the 70s until today. Going through the mimeograph to the offset, and from the Remington typewriters to the text editors, the poetic language and the subject transform themselves through a trip traced by different letters and bodies and by the physical structure of the city of Brazilia.

**Keywords:** Nicolas Behr, marginal poetry, materialities of communication theory

A poética de Nicolas Behr permite uma abordagem considerando-se as duas fases de produção do poeta brasileiro. A primeira - ligada à geração de poetas que surge nos anos 70 (também conhecida como poesia marginal) e que questiona o mercado editorial tradicional e a própria mídia - resulta numa coletânea de nove livrinhos mimeografados, ainda em plena ditadura militar; a outra - em cenário democrático a partir da década de 90 - quando a fase artesanal sai de cena para dar vez a uma produção madura e o poeta (aos 30 anos) se revela antenado à descoberta de novos suportes para a poesia contemporânea.

Estudos fundamentados na teoria das materialidades da comunicação possibilitam uma investigação da relação das formas textuais desta poesia com a evolução dos formatos gráficos usados - a impressão em mimeógrafo e em offset - e a incorporação de elementos físicos da cidade de Brasília como meios de extensão do próprio corpo para a obtenção de uma nova compreensão da atualidade. Ao fazer uma descrição histórico-literária que transporta o leitor ao reino de Castela, na Idade Média, Hans Ulrich Gumbrecht mostra as mudanças ocorridas na mentalidade da Espanha dos séculos XV e XVI como resultado da substituição de manuscritos por pergaminhos e livros impressos:

---

\* Mestranda em Teoria da Literatura na Universidade de Brasília. Jornalista.

[...] todo meio de comunicação novo em si mesmo transforma a mentalidade coletiva, imprimindo-se na relação que as pessoas mantêm com seus corpos, com sua consciência e com suas ações. [...] Em nosso caso, não se trata simplesmente de admitir – com base numa dedução agradável aos estudiosos da literatura – que se pode estabelecer uma conexão entre um modo performativo e uma mudança nos meios de comunicação. Ao contrário, uma série de fatores nos permite estabelecer uma relação entre o novo meio e as políticas dos Reis Católicos.<sup>21</sup>

Gumbrecht argumenta que sua reflexão remonta aos trabalhos de Marshall McLuhan ao estudar as mudanças dos “meios de comunicação como elementos constitutivos das estruturas, da articulação e da circulação de sentido.” MacLuhan descreveu, no pioneiro *A galáxia de Gutenberg*, os modos pelos quais as formas de experiência e de visão e expressão mental foram modificadas, primeiro pelo alfabeto fonético e depois pela impressão tipográfica. No livro, o precursor da teoria da materialidade cita um trecho de *The Silent Language*, do antropólogo Edward T. Hall, para explicar o fundamento de sua proposta:

O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo. A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle da temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar

no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. [...] De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo.<sup>22</sup>

### Transgressão no cerrado

O uso da cidade de Brasília (sempre em caixa baixa) como temática primordial na poesia de Nicolas Behr teve início ainda de forma tímida na época da produção dos primeiros livrinhos alternativos das décadas de 70 e 80 – mas quando já se percebia a veia da crítica social e uma forte impressão de lirismo. Inicialmente o poeta usa o seu próprio corpo para contestar o poder imenso que a nova capital exercia sobre os moradores do planalto central.

Produzida numa máquina de escrever Remington quando o menino nascido em Cuiabá, Mato Grosso, ainda tinha 18 anos – a primeira coletânea de livrinhos – *logurte com farinha, Grande circular, Chá com porrada, Caroco de goiaba, Bagaço, Te amo 24 horas por segundo* – era distribuída pessoalmente em escolas e bares da capital federal, à margem do mercado editorial, como relata Carlos Marcelo ao traçar o perfil de Nicolas Behr.<sup>23</sup> Uma investida corpo-a-corpo que se mostrou bem sucedida, vendendo milhares de exemplares durante a repressão política.

22 MacLUHAN. *a Galáxia de Gutenberg*, p. 21-22.

23 CARLOS MARCELO. *Coleção Brasilienses – volume 1*, perfil, p. 24.

enfim, era preciso saber  
quanto cimento será gasto  
numa ponte por onde ninguém  
passará de mãos dadas<sup>24</sup>

A estratégia do poeta do cerrado era aparentemente simples mas continha uma operação de transgressão implícita, a de se tornar um elemento de ligação entre uma situação de restrição, de censura (a da ditadura militar) e o cotidiano das pessoas, impedidas de manifestarem seus verdadeiros sentimentos diante da repressão política. Era como se Nicolas – guardadas as diferenças históricas - exercesse o papel atribuído por Gumbrecht a Guilherme IX (o primeiro trovador), quando este, quebrando regras, “atravessou a fronteira entre a vida cotidiana e o jogo cortesão” para recitar às platéias a sua poesia provençal:

Se o retrospecto da história literária e a imaginação histórica investida nela não enganam, então esta realização comunicativa cujos traços subsistentes chamados de “lírica trovadoresca” foi experienciada durante um longo período como um excesso autorizado, como um cruzar de um limite para desemboca numa situação que suspendeu a agressividade da transgressão de determinados “limites de”.<sup>25</sup>

Mesmo não se caracterizando como poesia engajada (com viés ideológico e político), era inegável a postura de provocação e o tom de contestação nos versos carregados de situações do cotidiano e de expressões populares impregnadas

de um humor crítico, embora ainda juvenil: “ser brasileiro é comer iogurte com farinha”. Em apenas sete vocábulos, Nicolas conseguia resumir a formação multifacetada do brasileiro, usando um jogo dialético de palavras que resulta da oposição simbólica entre duas culturas tão distantes (o iogurte e a farinha representam realidades distintas da sociedade brasileira).

Mas o confronto (real, entre uma cultura de consumo e a artesanal) é amenizado pela ausência de probabilidade da situação (a de comer iogurte com farinha) e acaba facilitando a “digestão” pelo receptor. A leveza é, portanto, outra característica importante desta nova poesia muito presente na poética de Nicolas. A retirada do peso em favor da leveza tem um valor de destaque, sendo considerada a primeira prova da habilidade contemporânea, de acordo com as propostas de Ítalo Calvino, quando escolhe um símbolo para saudar o novo milênio. Para ele, a leveza na poesia estaria triplamente caracterizada: é levíssima, está em movimento e é um vetor de informação:

[...] a leveza para mim está associada à precisão e à determinação, nunca ao que é vago ou aleatório. [...]. Se quisesse escolher um símbolo votivo para saudar o novo milênio, escolheria este: o salto ágil e imprevisto do poeta-filósofo que sobreleva o peso do mundo, demonstrando que sua gravidade detém o segredo da leveza, enquanto aquela que muitos julgam ser a vitalidade dos tempos, estrepidante e agressiva, espezinhadora e estrondosa, pertence ao reino da morte, como um cemitério de automóveis enferrujados<sup>26</sup>.

---

24 BEHR. *Iogurte com Farinha*.

25 GUMBRECHT. op. cit., p. 36.

---

26 CALVINO. *Seis propostas para o próximo milênio*, p. 24 e 28.

Não por acaso Behr via o país como filho de imigrantes (o pai é alemão e a mãe, lituana) e assistia a uma fusão de culturas que se iniciava com a construção de Brasília. A impertinência dos primeiros textos, em plena vigência do AI-5, acabou levando o poeta à prisão e à abertura de um processo. Na dúvida sobre como definir os textos, a delegacia do DOPS qualificou de “livretos de cunho pornográficos”. Nesta época de censura, com os meios de comunicação controlados, a literatura assume um duplo papel – o artístico, e uma função alternativa à contestação ao regime, como explica Flora Sussekind.<sup>27</sup>

se é para o bem de todos  
e felicidade geral da nação  
diga ao povo  
que o buraco é mais embaixo<sup>28</sup>

SQS  
ou  
SOS?  
eis a  
questão!<sup>29</sup>

Na primeira antologia da nova geração, Heloísa Buarque de Hollanda lembra o recuo estratégico da geração 70 ao modernismo de 22, cujo desdobramento efetivo ainda não fora suficientemente perseguido. E observa um valor lírico na incorporação poética do coloquial (e da gíria) como fator de inovação e ruptura com o discurso nobre acadêmico (presente no

parnasianismo e no concretismo). Ao listar as características dos autores escolhidos para figurar no livro, Heloísa Buarque enfatiza:

Se agora a poesia se confunde com a vida, as possibilidades de sua linguagem naturalmente se desdobram e se diversificam na psicografia do absurdo cotidiano, na fragmentação de instantes aparentemente banais, passando pela anotação do momento político. [...] A frequência de metáforas de grande abstração convive com a agressão verbal e moral do palavirão e da pornografia. Nesta poesia, observe-se que o uso do baixo calão nem sempre resulta num efeito de choque, mas que, na maior parte das vezes, aparece como dialeto naturalizado e, não raro, como desfecho lírico.<sup>30</sup>

Com raízes muito fortes na contracultura, a nova poesia retoma projetos vinculados aos anseios do sujeito (o confessionalismo, o sentimentalismo) e sugere alternativas em relação ao futuro: “o que você vai fazer agora? / vou continuar vivendo, posso?”<sup>31</sup> A variedade do cenário poético deste período – onde tudo se transforma em poesia – é bem retratada na análise de Alfredo Bosi, considerando a atual crítica literária:

{...} a poesia vale como pura imediação, explosão do desejo, da paixão, do capricho individual, do sexo à flor da pele, do instinto de morte, dos lances do acaso e das contingências a que se reduz a maior parte de uma biografia. “Poesia”, diz um desenvolvimento pós-moderno da Califórnia, “é tudo quanto eu quero chamar de poesia.”<sup>32</sup>

27 SUSSEKIND. *Literatura e vida literária*, p. 114

28 BEHR. *Caroço de goiaba*.

29 BEHR. *Grande circular*.

30 HOLLANDA. *26 poetas hoje*, pp. 11-12.

31 BEHR. *Chá com porrada*.

32 BOSI. *Leitura de poesia*, p.40.

## Entra em cena o offset e a editoração

Ao abandonar o uso do mimeógrafo pelo offset na década de 90, Nicolas descobre um mundo de possibilidades tecnológicas que o novo suporte tipográfico permite explorar em associação à editoração eletrônica, potencializando nuances com o uso das letras em diferentes tamanhos de corpos e fontes. É uma fase que aponta para mudanças na comunicação com o público, como o resultado que vemos nas publicações deste período e principalmente na fase mais recente, com *Poesília* (2002), *Menino Diamantino* (2003) – livro todo ilustrado pelos seus três filhos –, *Peregrino do Estranho* (2004) e *Braxília Revisitada* (2004).

Para se manter alinhado aos traços da poesia marginal, Nicolas escolhe um tipo de letra que mais se assemelha às teclas de sua máquina de escrever. No plano do conteúdo, enquanto o humor se afina (em paz com a cidade), ao mesmo tempo verifica-se um exacerbamento da postura crítica contra o *status quo* e uma denúncia constante contra o poder político, a burocracia e o descaso com a cidade.

eu engoli Brasília

em paz com a cidade,  
meu fusca vai  
por esses eixos,  
balões e quadras,  
burocraticamente,  
carimbando o asfalto

enviando ofícios de  
estima e consideração  
ao sr. diretor<sup>33</sup>

Esses efeitos gráficos são bem explorados na edição do 1º volume da *Coleção Brasilienses*. Reunindo grande parte da obra de Nicolas Behr e trazendo uma entrevista e

ensaios sobre o autor, a publicação exibe uma diagramação que combina diferentes imagens do poeta misturadas aos poemas impressos com o máximo de aproveitamento da paginação e do branco das páginas, criando um impacto multimídia onde ganham destaque os sentimentos de dualidade presentes na poesia de Nicolas.

De um lado o medo, a prisão e a solidão convivem ao mesmo tempo com ideais de liberdade e soluções que privilegiam a simplicidade – inspirados nos sentimentos e natureza, aspectos da poesia “ingênua e sentimental” tratada por Friedrich Schiller.<sup>34</sup> A cidade que Nicolas Behr “engoliu” tem semelhanças com a visão descrita por Clarice Lispector em suas crônicas sobre Brasília e que o poeta usou, assumidamente, como fonte de inspiração. É um lugar onde prisão e liberdade se confundem e coabitam no mesmo espaço:

Não chorei nenhuma vez em Brasília. Não tinha lugar. – É uma praia sem mar. – Em Brasília não há por onde entrar, nem há por onde sair. [...] Uma prisão ao ar livre. [...] Aqui é o lugar onde o espaço mais se parece com o tempo<sup>35</sup>

O jogo estético perseguido pelo poeta brasiliense em sua produção independente (Behr produz e distribui até hoje seus próprios livros) está ligado ao conceito de performance de poesia – considerada por si só um instrumento de

---

34 SCHILLER. *Poesia ingênua e sentimental*.

35 LISPECTOR. *Para não esquecer*, pp. 42-3.

---

33 BEHR. *Poesília*, p. 26.

mudança de comportamento. Presença forte na poética de Nicolas, a performance era muito utilizada entre os grupos que atuavam na contracultura nas décadas de 60 e 70, tanto no Brasil, com as artimanhas do grupo de poetas da Nuvem Cigana quanto nos circuitos alternativos na Inglaterra e nos Estados Unidos, com a *beat generation*.

O recital de poesia – ligado à oralidade – é um denominador comum entre esses grupos e Nicolas Behr, que criou fama na capital federal pelos atos performáticos e a leitura de versos em voz alta no lançamento de livros. Fernanda Teixeira de Medeiros conta detalhes dos bastidores da primeira leitura pública de poesia, quando Allen Ginsberg, da *beat generation*, leu o longo poema *Howl* (Uivo) no dia 7 de outubro de 1955, na Six Gallery, em São Francisco, Estados Unidos. “Mais do que outro texto, traduziu o espírito de um momento que começava a ansiar por mudanças, tornando a performance um simbólico de todo o processo reivindicatório que ocorreria na década seguinte”.<sup>36</sup>

Mas o que se afigurava como provocação ao regime político da época, ganha outra dimensão na produção de uma poesia com contornos críticos definitivos na fase madura de

Behr. Como manter o lirismo, evocar as pessoas e seus amores numa cidade tão nova e já em decadência, um ideal de reconstrução frustrado: “logo depois – impossível não notar – estão as ruínas de Brasília”, canta ele vinte anos depois. Surge então pelas lentes do poeta Brasília, que representa a cidade com uma utopia possível para a recriação do sonho, a possibilidade de livrar o sujeito esmagado do peso da maquete e do autoritarismo criado na cidade planejada como

estratégia de ocupação do Brasil central.

ver Brasília  
é ver através  
do olho mágico  
da porta  
do apartamento

dor arquivada  
felicidade protocolada  
utopia adiada

brasiléia é o fracasso  
mais bem planejado  
de todos os tempos<sup>37</sup>

O poeta se dedica a construir seus versos como quem sintoniza uma frequência ou acerta a medida dos temperos de um receita: as temáticas (a crítica contundente e o desnudamento do sujeito) brotam embaladas em poemas curtos e rápidos, suavizados por expressões coloquiais habituais do convívio e da intimidade do cotidiano de cada época. Destacam-se características essenciais da idéia de subjetivação, como o sentimentalismo, o humor e a leveza - também inseridas na “literatura do eu”, como denomina Flora Sussekind. E, antenado, o leitor de Nicolas se funde nas transformações da poesia-cidade.

a cidade é isso  
mesmo que você  
está vendo mesmo  
que você não  
esteja vendo nada<sup>38</sup>

36 MEDEIROS. *Afinal, o que foram as Artimanhas da década de 70: a Nuvem Cigana em nossa história cultural*, p. 12.

37 BEHR. *Brasília Revisitada*, p. 22 - 33.

38 BEHR *Brasília Revisitada*, p. 9.

a superquadra nada mais é  
do que a solidão  
dividida em blocos<sup>39</sup>

A compreensão do conceito de subjetivação encontra-se nos debates que Alain Touraine travou com Farhad Khosrokhavar. Neste contexto, Touraine elabora a sua proposta de construção da subjetivação na modernidade - considerando as vias do amor, contestação e participação nos movimentos culturais e sociais -, tratando conceitos como a responsabilidade e a liberdade:

Quero que o próprio sujeito conquiste sua liberdade. Não desejo, de modo algum, que nos atenhamos a uma ruptura [...] deve-se reconstruir, e essa reconstrução tem de ser feita inicialmente no nível no indivíduo que se torna sujeito. [...] Num primeiro momento, lutei durante 30 anos para defender a idéia de ator, mas hoje me parece muito mais pertinente insistir na idéia de sujeito, pois só é ator quem se constitui como sujeito de sua própria vida e de seus atos. É importante ir ao coração das coisas, à noção central - a de sujeito [...] Se não houvesse a idéia de sujeito, não haveria as idéias de dessubjetivação, de massificação ou de comunitarização.<sup>40</sup>

### **Incorporação: poeta, poema e sujeito se fundem na cidade**

O processo de fusão do poeta com a cidade encontra paralelo em Mário de Andrade. Na

*Paulicéia devairada*, a cidade de São Paulo desfila como musa concreta e moderna, como analisa João Luiz Lafetá. "A vida moderna desvaira o poeta e esse transfere seu desvairismo para a vida moderna":

Insisto nesses pormenores apenas para destacar o procedimento que é básico na *Paulicéia devairada*: diante da paisagem citadina o poeta não registra simplesmente a face externa que seus olhos enxergam, mas procura em suas sensações, nas impressões que a cidade deixa dentro dele, as marcas que revelem a imagem única e dúplice de ambos.<sup>41</sup>

Na Brasília de Nicolas Behr, a cidade se torna o próprio caminho (suporte físico) por onde o sujeito vivencia a realidade adversa e reconstrói os sonhos da promessa de futuro para uma nova geração. A viagem passa pelas entranhas da cidade e imprime novos sentidos quando submerge rumos aos endereços definidos pelos pontos cardeais (eixos, balões, entrequadras, quadras, apartamentos), trafega nas vias de circulação da cidade (ônibus-grande circular, escada rolante, rodoviária e pontes e viadutos) e se reflete nas metáforas do poder (palácios, ministérios, carimbos, crachá, gramado, buritis burocráticos).

desço aos infernos  
pelas escadas rolantes  
da rodoviária  
de Brasília

---

39 Ibid., p. 75.

40 TOURAINE. *A busca de si: diálogo sobre o sujeito*, p. 95, 107, 110 e 111.

41 LAFETÁ. *A representação do sujeito lírico na Paulicéia devairada*, p. 65.

meu corpo boiando  
no óleo que ferve  
um pedaço  
do seu coração  
num pastel de carne<sup>42</sup>

O corpo do poeta (e sujeito) se inscreve de tal maneira simbiótica na cidade, que as ações e as transformações (permanentes) da capital são compartilhadas e tornam-se simultâneas: a deterioração é tanto da cidade, quanto do poeta, quanto do cidadão (chega-se ao inferno ao descer a escada rolante da rodoviária; o coração ferve no óleo como o pastel de carne). A denúncia não é um ato externo, com o distanciamento jornalístico; o poema e o sujeito também são alvo de grilagem e da ocupação desenfreada, da exploração da terra.

as mudanças no plano piloto  
as mudanças em mim<sup>43</sup>

demarcar a área do poema  
no planalto central,  
tomar posse do poema,  
ocupá-lo, loteá-lo  
e depois abandoná-lo  
nesta página<sup>44</sup>

A poesia expande as percepções dos sentidos e impulsiona o leitor rumo a compreensões dos novos tempos. No processo de figuração, o poeta resiste aos três poderes que

emanam do planalto e, inconformado, lembra aos esquecidos que a literatura faz parte do terreno da imaginação, estando portanto compromissada com a liberdade e com os interesses do público.

o poema  
é área pública  
invadida pela  
imaginação<sup>45</sup>

---

42 BEHR. *Poesília*, p. 33.

43 BEHR. *Braxília Revisitada*, p. 44

44 *Ibid*, p. 34

---

45 *Ibid*, p. 23

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEHR, Nicolas. *Iogurte com farinha* (agosto de 1977), *Grande circular* (1978), *Chá com porrada* (1978) *Caroço de goiaba* (1979), *Poesília* (2002), *Braxília Revisitada* (vol I – 2004).

BOSI, Alfredo (org.) *Leitura de poesia*. São Paulo: Ática, 1996.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

CARLOS MARCELO. *Coleção Brasilienses – Vol. 1 – Nicolas Behr*. Brasília: Ed. Do Autor, 2004.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Modernização dos sentidos*. Trad. Lawrence Flores Pereira. São Paulo: Editora 34, 1998

HOLLANDA, Heloísa Buarque. *26 poetas hoje*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001

LISPECTOR, Clarice. *Para não esquecer*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MacLUHAN, Marshall. *a Galáxia de Gutenberg*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.

MEDEIROS, Fernanda Teixeira. *Afinal, o que foram a Artimanhas da década de 70: a Nuvem Cigana em nossa história cultural*. Em: estudos de literatura brasileira contemporânea, nº 23. Brasília: Editora de estudos de literatura brasileira/Universidade de Brasília, 2004

LAFETÁ, João Luís. *A representação do sujeito lírico na Paulicéia Desvairada*. Em: Bosi, Alfredo (org) *Leitura de poesia*. São Paulo: Ática, 1996.

SUSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

TOURAINÉ, Alain e Kosrokhavar, Farhad. *A busca de si: diálogo sobre o sujeito*. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.